

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Liberal

Class.: 111

Data: 17.09.83

Pg.:

**Tensão na Bahia depois da
invasão dos índios Pataxós**

CAMACAN (Sul da Bahia) - (AJB) — Mesmo com a chegada de 50 homens do segundo Batalhão da Polícia Militar para guarnecer a área e impedir o choque armado entre índios e fazendeiros, continuou bastante tensa, ontem, a situação neste município do extremo-sul da Bahia, seis dias depois de um grupo dissidente da tribo Pataxós Ha-Ha-Hae ter ocupado as fazendas Providência e Bom Jardim, pertencentes aos agricultores Luis Alves de Lima e Idalina Gomes Néris.

Ontem de madrugada antes da chegada do reforço policial, um grupo de fazendeiros da região arrombou um dos portões de acesso ao local onde estão os indígenas, dispostos a expulsar os Pataxós a força. Entretanto, negociações conduzidas por membros da Funai que já estão em Camacan, evitaram o confronto armado, embora os índios tenham decidido continuar ocupando as fazendas.

O delegado da Funai na Bahia, Eustáquio Machado, que participou das negociações com a finalidade de evitar um conflito mais

grave entre índios e fazendeiros na localidade de Jacareci, considerou a situação na área muito tensa e difícil, mas cabe a Polícia Militar impedir conflito armado. A nós, como funcionários da Funai, compete negociar e garantir a segurança dos indígenas.

Ontem de manhã chegou também a Camacan o diretor do Departamento de Assistência Indígena da Funai, Carlos Roberto Gross, acompanhado de vários assessores. Ele conversou demoradamente com fazendeiros de cacau e pecuaristas da região e em especial com os indígenas, que se mostraram irredutíveis quanto a hipótese de abandonarem as duas fazendas ocupadas há seis dias.

No início da tarde o diretor da Funai viajou para Salvador, com a finalidade de manter uma audiência com o governador João Dürval Carneiro, em busca de uma solução para o impasse, uma vez que fazendeiros armados reclamavam da falta de objetividade da ação do governo em garantir a propriedade privada e não

escondiam a disposição de usar a força no caso dos índios não se retirarem.

O proprietário da fazenda Bom Jardim, Luis Alves de Lima, considerou a invasão como um atentado a propriedade privada. Na verdade isso é uma baderna, onde ninguém entende nada e o governo parece indiferente a tudo. Hoje não conseguimos mais acreditar no próprio governo que não garante sequer a posse de uma propriedade agrícola, protestou o fazendeiro.

O cacique Nailton Muniz Pataxó, disse ontem não admitir negociar a saída das terras ocupadas, que ele afirma são propriedades dos índios:

— Viemos para este lugar porque esta terra é nossa e o meu grupo está desesperado. Nos precisamos de trabalho e não temos nenhuma opção. Na verdade, nossa terra é nossa casa, nossa vida e dela nos queremos viver; disse o cacique que lidera mais de 200 índios dissidentes que saíram da reserva de Pau Brasil depois do assassinato todo cacique Edísio, na área da reserva.